

Atendimento deficiente

RENATA MARIZ

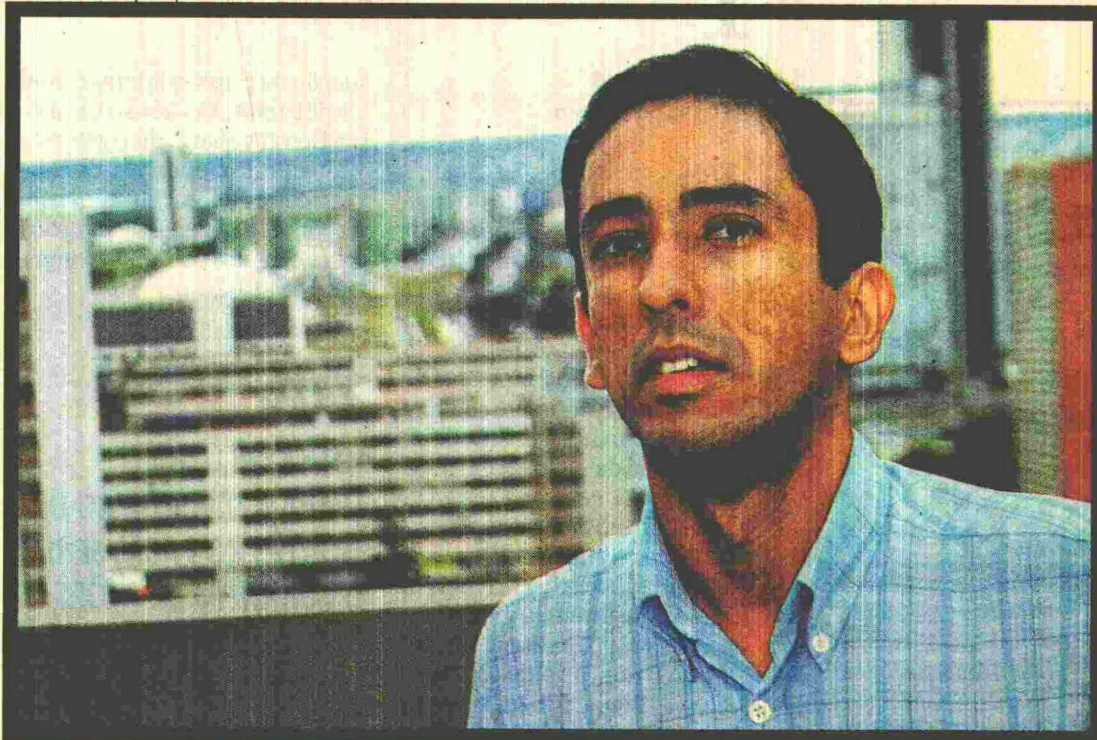
DA EQUIPE DO CORREIO

A demanda é relativamente pequena, 11 mil pacientes no Brasil. Os recursos cresceram 47%, de 2000 a 2007. Mas os portadores de coagulopatias, 75% deles hemofílicos, ainda são mal atendidos no país. A constatação é de uma auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) feita nos gastos do Ministério da Saúde, que distribui, sem contrapartida dos estados, o medicamento aos pacientes. O principal problema, de acordo com Paulo Gomes Gonçalves, coordenador da auditoria, está nos estoques abaixo do mínimo desejado. Amanhã, quando se comemora o Dia Mundial da Hemofilia, pacientes reunidos em Brasília reivindicarão aos técnicos do governo federal melhorias no atendimento.

“É como faltar insulina ao diabético, não podemos permitir que isso aconteça”, compara a médica Sylvia Thomas, presidente da Federação Brasileira de Hemofilia e mãe de um paciente. A redução dos estoques provoca restrição temporária do fornecimento da dose domiciliar, que todo hemofílico precisa ter, e suspensão de cirurgias. “O medicamento de urgência em casa é vital para o paciente fazer os primeiros socorros, em caso de hemorragias principalmente nas articulações, até receber o atendimento hospitalar. Mas todo ano há desabastecimento”, afirma Gilson da Silva, vice-presidente da entidade que representa os doentes.

As reclamações dos pacien-

Gustavo Moreno/Especial para o CB



WASHINGTON AZEVEDO JÁ ENFRENTOU FALTA DE MEDICAMENTOS: “AGORA MELHOROU, MAS NÃO FICAMOS SEGUROS”

tes encontram ressonância no relatório do TCU. De acordo com a auditoria, das 11 unidades da federação analisadas no estudo, 39% suspendem temporariamente a dose domiciliar de urgência, 39% reduzem a quantidade do remédio fornecido e 22% selecionam quais pacientes receberão o medicamento de emergência. Para o coordenador da auditoria, a instabilidade nos estoques se deve a falhas no processo de aquisição dos medicamentos, todos importados, por parte do governo federal. “O Ministério da Saúde fica sem margem de

negociação porque compra na urgência. Há também o problema de um cartel”, diz o analista do TCU.

Segundo ele, não existem indícios de corrupção ou desvio de dinheiro, mas sim fragilidades na execução do programa. O Ministério da Saúde se comprometeu a adotar as recomendações propostas pelo tribunal, entre elas controlar o estoque de forma a garantir o abastecimento ininterruptamente. Alguns estados, como Mato Grosso, Bahia e Roraima, são mais deficientes, por não contarem com postos de fornecimento do me-

dicamento fora da capital.

Washington Luiz Azevedo, nascido no interior da Bahia, penou para descobrir que tinha hemofilia. Sofria com dores “insuportáveis” nas articulações desde bebê, mas só aos 14 anos recebeu o diagnóstico correto. Azevedo acompanhou diversos períodos de desabastecimento crítico de remédios. “Agora melhorou, mas não ficamos seguros”, afirma. Tantas hemorragias deixaram seqüelas no baiano de 39 anos. “Meus braços não dobram, a perna não estica, não agacho e o ombro esquerdo não tem movimento”, mostra.